

RESENHA!

Uma grande aula de história

SILVIA HUNOLD LARA
shlara@unicamp.br

Tudo começou no Arquivo Nacional de Cuba, há alguns anos, quando uma carta dirigida ao general Máximo Gómez chamou a atenção dos historiadores. Trata-se de um pedido comercial escrito em inglês, datilografado em tinta roxa no papel timbrado de uma firma belga: depois de contar a história de sua família e falar de seus ideais, um comerciante de charutos de Antuérpia chamado Édouard Tinchant solicitava autorização para usar o nome e a imagem do grande líder militar das lutas pela independência de Cuba nas caixas de charutos que ele fabricava. O pedido era incomum e o relato, além da Guerra Cubana pela Independência, mencionava a Revolução Haitiana, a Guerra Civil e a Reconstrução nos Estados Unidos.

Rebecca Scott seguiu as pistas fornecidas pelo documento e logo Jean Hébrard juntou-se a ela para puxar os fios que os levaram a uma interessantíssima pesquisa e a produzir esse livro excepcional, que já recebeu muitos prêmios. Provas de liberdade conta os esforços de Rosalie, escravizada por volta de 1785 na Senegâmbia e levada para Saint-Domingue (depois Haiti), para se libertar e manter seus filhos fora da escravidão. Sua história e a de sua família, por cinco gerações, envolvem eventos cruciais na África, na América e na Europa do final do

século XVIII até a Segunda Guerra Mundial. Nessa odisseia que atravessa o Atlântico várias vezes, todos lutaram para manter a dignidade e o respeito, desafiando o preconceito racial e a exclusão, cultivando os laços que uniam os vários descendentes e valorizando as escolhas dos antepassados.

A narrativa, simples e cativante, está baseada em uma pesquisa detalhada e extensa, e consegue discutir com grande acuidade e rigor histórico questões complexas como a luta por direitos em diferentes contextos jurídicos numa época de grandes transformações sociais. O texto consegue mesclar vários níveis de análise. O que está em primeiro plano é a defesa da liberdade – desde a ação individual de Rosalie, passando pelos discursos em prol dos direitos civis das mulheres proferidos por seu neto na Convenção Constitucional da Luisiana, até o drama de uma noiva para sobreviver nos campos de concentração nazistas. Mas essa é também uma história da construção de direitos: de ser livre, de ir e vir, de casar e ter filhos, de viver e sobreviver, de votar e ser votado. As ações dos vários membros da família, em circunstâncias diversas, mostram que os contornos e os limites da cidadania não eram fruto apenas de artigos constitucionais, mas de atitudes e estratégias que testavam e punham à prova definições legais e jurídicas. Tais aspectos, presentes em outras narrativas históricas, ganham aqui proporções ainda mais significativas, pois envolvem contextos racializados. No mundo

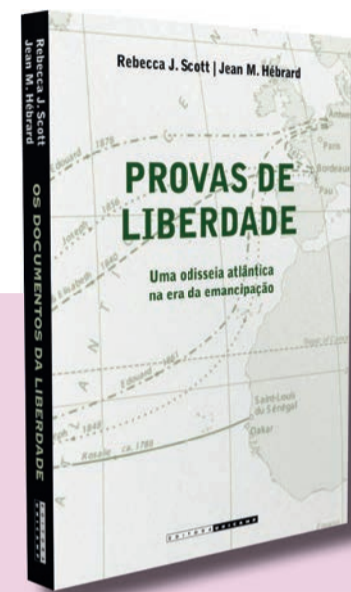
escravista e nas sociedades do período pós-abolição, nas Américas e na Europa, a liberdade e a cidadania eram ainda mais difíceis e precárias para os descendentes de africanos. Nesse contexto, as lutas por direitos civis se entrelaçavam àquelas que buscavam a igualdade racial.

Mas há ainda a dimensão econômica. Os modos de vida e os negócios familiares organizados em torno da fabricação e do comércio de charutos no circuito atlântico e europeu permitem ultrapassar os episódios da vida doméstica. Descortina-se, assim, uma rede comercial de longa distância por meio da qual a fama dos charutos cubanos foi inventada e reinventada várias vezes.

Os esforços de vários membros da família para provar a condição de livres, defender seus direitos de cidadania e manter firmas comerciais sólidas constituem o pano de fundo para uma reflexão arguta sobre as condições da pesquisa histórica e sobre o lugar dos documentos na vida das pessoas. A cada passo, a cada viagem pelo Atlântico, a trajetória da família precisou ser registrada e contada – e Rebecca Scott e Jean Hébrard mostram como esses papéis serviram de guia para a história que narram.

Por tudo isso, Provas de liberdade é uma grande aula de história. Uma obra magistral, de interesse tanto para estudiosos das ciências humanas, como para leitores não especializados.

Silvia Hunold Lara é professora do Departamento de História do IFCH-Unicamp.



SERVIÇO

Título: Provas de Liberdade – Uma odisseia atlântica na era da emancipação

Autores: Rebecca J. Scott e Jean M. Hébrard

Tradução: Vera Joscelyne

Editora da Unicamp

Páginas: 296

Área de interesse: História

Preço: R\$ 68,00

Pesquisa explora potencial da vassourinha

Cientistas do CPQBA realizam caracterização genética de variedades da espécie

CARLOS ORSI
carlos.orsi@reitoria.unicamp.br

Conhecida como vassourinha-do-campo ou alecrim-do-campo, a *Baccharis dracunculifolia*, um arbusto que se encontra facilmente na beira de estradas nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul, é comumente vista como uma espécie invasora em pastagens brasileiras, mas diversos estudos, realizados no país e no exterior, têm revelado o grande potencial da planta em áreas que vão da medicina à conservação ambiental. No Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA) da Unicamp, a doutoranda Camila M.B. Belini, da Unesp Botucatu, realizou uma série de experimentos, incluindo o cultivo e a caracterização genética de variedades da espécie encontradas em diferentes altitudes do Estado de São Paulo, a fim de iniciar o processo de melhoramento para o cultivo.

A planta já tem valor econômico reconhecido: tanto suas folhas são fonte de um óleo essencial aromático, como também a própolis verde, produzida por abelhas que visitam a *B. dracunculifolia*, é exportada para diversos países. O “Brazilian green propolis” (“própolis verde brasileiro”), como é conhecido no exterior, tem sido alvo de pesquisas, principalmente no Japão, por conta de suas propriedades medicinais. A produção de própolis verde para exportação acontece principalmente no município de Bambuí, Minas Gerais.

“É importante a gente ter o conhecimento de como cultivar a espécie e extrair os produtos dela, para evitar o extrativismo, que pode levar à sua extinção”, disse Camila. A pesquisadora Glyn Mara Figueira, do CPQBA, coorientadora da tese de doutorado da Camila, acrescenta: “Para muitos agricultores, o alecrim-do-campo é uma praga de pastagem e por isso o removem, porém seu cultivo torna-se importante para extração do óleo essencial, produção da própolis verde e recuperação de áreas degradadas e contaminadas”.



Glyn Mara Figueira, coorientadora do trabalho, e a pesquisadora Camila Belini em área de cultivo da vassourinha, no CPQBA: aplicabilidade em vários campos

“O alecrim não tem só o uso para produção da própolis verde”, lembrou a coorientadora. “Ele é aromático, produz um óleo essencial que tem um grande interesse para a indústria de fragrâncias, além do seu potencial antimicrobiano. Há uma tese, defendida em Minas Gerais, que diz que ela pode ser usada na biorremediação de solo, porque sequestra metais pesados. Então, é uma planta que tem potencial amplo”.

As pesquisadoras lembram que o alecrim-do-campo é uma planta pioneira, que cresce rapidamente e tem uma semente muito leve, que se espalha com facilidade. “Você planta numa área e ela já vai colonizando tudo”, disse Camila, reiterando o potencial da espécie na recuperação de áreas degradadas. “É uma planta importante, por tudo isso que oferece, em produtos e em importância ecológica”.

Em seu trabalho, Camila coletou sementes de *B. dracunculifolia* em diferentes alti-

tudes do território paulista – em Ubatuba; na região de Campinas; e em Campos do Jordão. As populações naturais foram analisadas química e geneticamente em parceria com o Instituto Agronômico de Campinas e ESALQ/USP. Foi instalado um teste de procedências e progênies (descendência) no campo experimental do CPQBA para o processo de seleção e melhoramento da espécie.

No experimento de campo foram cultivadas 1.800 plantas que foram colhidas, pesadas e caracterizadas. “A gente avaliou o rendimento do óleo essencial e a capacidade de rebrota”, disse Camila. A análise avaliou o conteúdo de trans-nerolidol, o principal composto do óleo essencial presente nas folhas, que é usado na indústria alimentícia e de perfumes. “Vimos que as plantas provenientes de Campos do Jordão, cultivadas em Campinas, eram mais abundantes em trans-nerolidol do que as outras”, acrescentou a pesquisadora.

“Isso mostra, então, que o esse composto não é influenciado pelo ambiente, e sim é uma característica genética”, disse Glyn, já que os acessos de Campos do Jordão, cultivados em Campinas, mostraram-se mais produtivos. “A capacidade de rebrota revelou uma técnica importante para o ganho de massa foliar, que já foi repassada aos produtores da própolis verde”, acrescentou. “Porque, à medida que cresce, em condições naturais, o alecrim-do-campo tem uma maior proporção de galhos que de folhas. Um dos seus nomes populares, vassourinha, é porque antigamente as pessoas a utilizavam como vassoura”, explicou.

A coorientadora explica ainda que tanto o óleo essencial como a resina usada pelas abelhas são retirados das folhas do alecrim. Esses dois processos ocorrem em momentos diversos, o que permite que uma mesma planta seja usada para os dois fins. “O óleo é retirado na época da floração, mas a abelha prefere visitar a planta em outro momento, quando as folhas estão novas, para a produção da própolis verde”, disse ela. “Então, na verdade, esses produtos são complementares”.

GENÉTICA

A análise genética realizada até agora, explicam as pesquisadoras, foi suficiente para distinguir entre as diferentes populações de alecrim-do-campo, mas um trabalho mais aprofundado é necessário para buscar os genes responsáveis pelas características desejadas – seja a capacidade da planta de regenerar solos contaminados, seja a produção de quantidades maiores de óleo essencial ou de resina para as abelhas.

O trabalho faz parte da tese de doutorado de Camila, “Conservação e avaliação da composição de óleo essencial e diversidade genética de populações naturais e avaliação na produtividade em teste de procedências e progênies de *Baccharis dracunculifolia* dc. (Asteraceae)”, que será defendida na Unesp no fim de agosto, tendo como orientadora a pesquisadora Marcia Ortiz Mayo Marques, da Faculdade de Ciências Agrônômicas do campus de Botucatu da Unesp. A pesquisa contou com apoio da Fapesp.